

Dos que ardem

Delineei meus olhos com traços grossos e pintei meus cílios. Olhos de nanquim. Boca de boneca. Não! de boneca não!... quero uma boca de plástico vulgar com cor gritante e equivocada. Quero um hematoma no meio da face. Um borrão. “Isso!”, diante do espelho de moldura laranja. (Numa bolsa rasgada guardei algodão). Vestido de estampa de bicho. Curto. Sem fendas. Sem etiqueta. E tamancos pra combinar com o brilho melado dos lábios. Saí pela rua de trás por onde nunca passávamos (vizinhos anônimos) (moradores reclusos). E finalmente segui. Entregue. Disposta. Sem volta. Até o fim da rua. Assim. Surda e cega, até chegar, ofegante pela travessia - escorando-me bamba nas cordas dos caminhões e adentrando o último bar. Minha estréia como atração. Extasiada pelos cochichos, desfilei va-ga-ro-sa-men-te para que, dos meus quadris, gotejasse a curva natural de quem dança com os ossos. Posei de costas para o cubículo e supus conhecer um lugar onde nunca estivera. Não seria possível. Não seria justo. Contive-me o espanto - “A noite terminaria assim?“. E, devagar, rastreando pela periferia dos olhos, calculei quantos ali estavam e me dei conta de que suportaria. E só então, ao desistir da fuga, vislumbrei a longa duração daquela cena que eu mesmo criara. E finalmente segui. Entregue. Disposta. Sem volta. Até o fim do bar. Mirando espaços vazios entre homens. E na tentativa de diluir a minha impertinência deflagrei uma exibição desesperada da minha máscara de veludo branco manchada de magenta. De nada adiantaria a contenção de gestos: eu estava lá. Não fixei olhos. Não toquei objetos. Apenas contornava, trêmula, o espaço entre pessoas, cadeiras e mesas. Rastreava com o tecido de estampa os vãos e os intervalos entre minhas curvas e os obstáculos sólidos. E entre tantas mesas e cadeiras vazias, nada comportava aquele vestido ou aquela cor que, agora, vibrava, solta, na minha face. Restava ainda a possibilidade estarrecedora de voltar pra casa pra tomar banho me lavar e pronto acabou pronto nada aconteceu e vamos embora pra escola que hoje tem aula foi só uma brincadeira não levará a nada e a ninguém pronto sem nenhum problema ninguém viu ninguém viu. Mas essa possibilidade era estarrecedora, pois eu não havia planejado uma fuga. Não! Não havia construído essa cena com esse fim!... Faltara-me esse cuidado. Não planejava uma porta por onde escorrer. Ou uma janela por onde me dobrar. Esqueci-me deste detalhe importante da fuga. E, então, fiquei ali: estática, como se houvesse um espelho. Mas não havia um espelho. Faltara-me esse cuidado. Não trouxe um espelho para ter a quem olhar. E me vi, então, diante de uma parede azul descascando lenta. Tão lenta que juraríamos estar inerte. Mas ela desmoronava lenta e silenciosa diante de mim. Diante de todos. As rachaduras delineando milimetricamente mapas de lugares sem nome pela parede do bar... assim como eu mesma delineei meus olhos, minutos antes, inventando um rosto. Aquele desenho estranho que deslizava vagaroso pela parede fisgou-me os olhos. E lá permaneci. Equivocada. À espera de que a minha cor falasse por mim.

Marc Davi

2019